

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



PPP: enigma ou solução?

ISSN 1.676-5141
9 771676 514139 00013

Editorial	4
Projeto Político Pedagógico	
Cartas	5
Artigos excelentes, Revista 10 e Sugestão é tema de Giramundo	
Ponto e Contraponto	6
Educadora Andrea Cecília Ramal explica o que é educação na cibercultura	
Zoom	10
Você tem um projeto imediato? Qual é?	
Atualidade	12
O novo Código Mundial Antidoping	
Pé na Estrada	15
Direção da Escola Municipal Fernando de Azevedo conta como vem sendo construído o seu projeto	
Capa	18
Escola e Comunidade no Projeto Político Pedagógico	
Professor On-line	25
Organize-se para visitar a XI Bienal do Livro	
Carióca	26
A Escola vai ao cinema - uma produção da Riofilme e SME	
Caleidoscópio	28
Produtos da MULTIRIO na sala de aula	
Olho Mágico	31
Fotojornalismo e educação	
Rede Fala	32
Professora Marta Sorvi discute a vulnerabilidade na infância e na adolescência	
Tudoteca	34
Dicas de leitura, filmes, vídeos e agenda de eventos	



Empresa Municipal de Multimídia Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
 CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriamultirio@pporj.rj.gov.br
 Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • **Sônia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTB. 22.629) • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Cristina Campos** - Conteúdo • **Cristina Morel** - Conteúdo • **Erick Grigorovski** - Ilustração • **Joanna Miranda** - Conteúdo • **Lúcia Barreiros** - Produção gráfica • **Marcus Tavares** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares** - Revisão • **Eduardo Ofeliano** - Ilustração • **Suely Barreto** - Conteúdo • **Tania Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: Gráfica e Editora Posigraf • Tiragem: 40 mil exemplares

Desenho da aluna Ellan Ribeiro de Silva, turma 603, Escola Municipal Presidente Arthur de Costa e Silva, Botafogo, Zona Sul, Rio de Janeiro (RJ)



O Núcleo Curricular Básico Multieducação estabelece as diretrizes curriculares para as 1.037 escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Tendo na Multieducação o eixo condutor do trabalho a ser desenvolvido, cada uma das escolas deve elaborar seu Projeto Político Pedagógico, o que exige, inicialmente, um diagnóstico de sua realidade local, o conhecimento das demandas e expectativas da comunidade escolar, assim como uma análise das transformações por que passa a sociedade.

É comum pensar que a elaboração de um Projeto Político Pedagógico tem como único objetivo subsidiar as práticas pedagógicas. A melhoria da qualidade do ensino embora deva se constituir no objetivo principal, não pode ser o único. A materialização do Projeto Político Pedagógico deve desempenhar um papel relevante na organização da unidade escolar e em sua gestão. Isto exige a conjugação de diferentes fatores: a definição/redefinição das questões de caráter pedagógico; o atendimento às necessidades dos usuários da escola e a utilização criteriosa dos recursos disponíveis.

A elaboração do Projeto Político Pedagógico deve ocorrer num processo democrático de tomada de decisões, no qual toda a comunidade escolar tenha a oportunidade de participar, sob a liderança de seus diretores. Na construção do Projeto Político Pedagógico, a escola exerce a sua autonomia, produzindo o norteador da ação educativa, condição fundamental para que a Escola Pública consolide o ideal de uma Escola de qualidade em sintonia com o seu tempo.

Por apresentar um caráter processual, o Projeto Político Pedagógico deverá ser avaliado durante o seu desenvolvimento tanto pela equipe da escola quanto pelas Coordenadorias Regionais de Educação e equipes do Órgão Central.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Revista 10

Sou professora da Rede Municipal de Ensino do Rio e acabo de receber a Revista **Nós da Escola**, número 10. Como sempre, é com muita alegria e interesse que leio as reportagens, tão interessantes, contextualizadas e atuais. Neste número, destaco a reflexão sobre o espaço do negro no Brasil, principalmente num momento tão polêmico, ocasionado pelas cotas dos mesmos em universidade pública. Achei importantíssima a matéria sobre os direitos dos professores, pois, muitas vezes, não os conhecemos. O encarte com a origem de alguns brinquedos está sensacional e, com certeza, poderá ser muito utilizado nas aulas. Enfim, mais uma vez a revista se esmerou. Parabéns! Estou muito feliz, pois participarei, juntamente com outras escolas da minha CRE (6ª), do projeto "Século XXI". Espero que saiam mais matérias sobre o tema nas próximas edições. Gostaria de sugerir uma matéria sobre a origem das Salas de Leitura e como elas funcionam atualmente.

Professora Solange Mota @
Escola Municipal Rose Klabin, Guadalupe, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - Professora, adoramos a mensagem. Com relação a sua sugestão, gostaríamos de lembrar que publicamos na Revista **Nós da Escola** número 7, página 9, uma reportagem sobre as salas de leitura da Rede Municipal de Ensino do Rio, que funcionam como espaços multimídia. Listamos, inclusive, as salas de leitura pólo/núcleo de mídia da rede. Qualquer dúvida, entre novamente em contato conosco.

Sugestão é tema de Giramundo

A Revista **Nós da Escola** é bem produzida tanto no aspecto estético quanto nas temáticas pedagógicas. Coleciono o Giramundo. Já utilizei um número mais antigo com uma turma de aceleração, pois o mesmo foi indicado nos encontros de capacitação de aceleração. Gostaria que vocês abordassem, no Giramundo, a psicomotricidade - explicando o que é e quais são os seus objetivos, trazendo também sugestões de algumas atividades e indicações bibliográficas.

Professora Rita Luzia Silva □
Escola Municipal Azevedo Sodré, Praça da Bandeira, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A equipe da revista analisou a sua sugestão e aprovou. Professora, o Giramundo deste mês coloca em pauta a psicomotricidade.



Artigos excelentes

Quero parabenizar a equipe **Nós da Escola**. É uma excelente revista feita para nós, professores do município do Rio de Janeiro. Sinto-me importante por saber que existe uma publicação voltada para minha categoria. Gosto muito de ler os artigos que sempre abordam um tema pertinente ao universo escolar. A diversificação dos assuntos torna rica a obra.

Professora Elisângela Ortiz □
Escola Municipal Professor Wan-Tuyl da Silva Cardoso, Padre Miguel, Zona Norte, Rio de Janeiro (RJ)

N. da R. - A equipe da MULTIRIO agradece sua carta.

Caro(a) Professor(a),

O cartaz que acompanha a Revista **Nós da Escola** nº 13 tem como tema central a troca que desde cedo as crianças estabelecem entre si. Crianças que se comunicam e aprendem mutuamente. Compartilham, disputam, imitam, se tocam e brincam. A escola é lugar privilegiado de observação destas trocas entre as crianças, basta saber olhar. Diversas interações acontecem diariamente na escola, todas ricas em significado.

□ Carta □ Telefone □ @ E-mail

A escola na era da cibercultura

Andrea Cecilia Ramal, doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), afirma que a internet torna imprescindível que a escola tradicional questione suas grades curriculares rígidas e seu ensino ultrapassado. Autora do livro "Educação na Cibercultura" (Editora Artmed), ela acredita que muitas escolas, acertadamente, mantêm um olhar crítico em relação à internet: "O que é bom, pois se todos se conectassem imediatamente, seria resultado de um modismo, e não de uma opção pedagógica. Usada adequadamente e com objetivos pedagógicos claros, a internet pode colaborar para uma postura mais ativa dos estudantes e, com isso, torná-los mais capazes de construir seus próprios percursos".

Em entrevista à **Nós da Escola**, a professora indaga que tipo de cidadãos as escolas querem formar: "Pessoas que vivam plugadas em monitores individualistas e consumistas, interessadas apenas em obter prazer com um *click* do mouse? Ou pessoas que atuem como agentes de transformação da sociedade, que coloquem a tecnologia a serviço da mudança das estruturas injustas e que façam dos ambientes virtuais e presenciais espaços democráticos de harmonia e solidariedade?".



O que é "educação na cibercultura"?

Andrea Ramal - Cibercultura é todo o conjunto de técnicas, de práticas sociais, de valores e de formas de comunicação que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Os suportes digitais, como o hipertexto e a hipermidia, não são apenas instrumentos de leitura e escrita. São novas tecnologias intelectuais e terão um papel decisivo na nossa maneira de ver o mundo e de construir conhecimento. Até hoje vivemos em um mundo marcado pela oralidade e pela escrita. A partir dessas tecnologias, se estabeleceram determinadas categorias na relação com o tempo, com a informação, com a memória, e toda uma maneira de comunicar-nos com os demais. Os suportes digitais aparecem em uma época em que se constroem novas categorias. Passamos, por exemplo, de uma concepção linear da história e do conhecimento, a visões mais complexas, hipertextuais, multilineares. Nossas mentes estão mudando. Ora, se mudam as formas de pensar, mudarão necessariamente as maneiras de aprender. Por isso é necessário projetar uma educação adequada para os desafios do contexto da cibercultura.

De que forma a chamada "educação na cibercultura" pode estar inserida no dia-a-dia do Projeto Político Pedagógico de uma escola?

Andrea Ramal - Engana-se quem pensa que seria, por exemplo, meramente introduzindo aulas de informática no currículo ou construindo mais salas de computadores. Trata-se, na verdade, de atravessar o currículo por esses desafios do momento contemporâneo. Entre eles, destaco: levar os alunos a construir conhecimento por meio dos suportes digitais, tratando o computador não como ferramenta, mas sim como um novo ambiente cognitivo. Isso significa dizer que não basta aprender os *softwares* do Office, mas sim aprender História ou Geografia no ambiente hipertextual, ou desenvolver competências lógico-matemáticas a partir da tecnologia digital. Outro desafio é pensar em um currículo que comporte os *links* entre os diversos saberes e em uma sala de aula em que o aluno possa "construir a própria navegação" e ser "autor dos seus percursos", de forma criativa e interativa. Também envolve um novo perfil de professor, que não seja transmissor de informações, mas sim um arquiteto cognitivo, construindo os mapas de competências da "navegação" de cada estudante, e um dinamizador da inteligência coletiva, articulando pessoas para que aprendam em cooperação. Inclui também toda uma dimensão ética, que se refere ao modo de como vamos enfrentar, na escola, os novos problemas que a cibercultura nos traz.

A senhora afirma que a internet possibilita aos alunos se tornarem autônomos, autores do seu próprio processo de constituição do conhecimento. Sem dúvida um dos objetivos da educação de hoje. Mas por que muitas escolas não pensam desta forma?

Andrea Ramal - Muitas escolas, acertadamente, mantêm um olhar crítico com relação à internet. Isso é bom, pois se todos se conectassem

imediatamente, seria resultado de um modismo e não de uma opção pedagógica. Não podemos esquecer que o mundo virtual reproduz e até reforça uma série de problemas que já temos no mundo real e acrescenta outros, como, por exemplo, as novas questões éticas que surgem: o que fazer com um aluno que faz *download* e assina o texto como se fosse seu? E o aluno que só frequenta sites de pornografia? Ou aquele que se torna *hacker* e destrói, por puro prazer, o trabalho dos demais? São desafios que os professores de outros tempos não enfrentaram. Acredito numa apropriação da internet de forma crítica e consciente. Ela não é um material didático pronto. Entretanto, se usada adequadamente e com objetivos pedagógicos claros, pode colaborar para uma postura mais ativa dos sujeitos-navegadores e, com isso, torná-los mais capazes de construir seus próprios percursos. E é isto o que uma escola deve buscar, com ou sem internet. Ela deve estimular a autoria dos textos... e da própria vida. ▶

“Até hoje vivemos em um mundo marcado pela oralidade e pela escrita. A partir dessas tecnologias, se estabeleceram determinadas categorias na relação com o tempo, com a informação, com a memória, e toda uma maneira de comunicar-nos com os demais.”

“ **Muitas escolas, acertadamente, mantêm um olhar crítico com relação à internet. Isso é bom, pois se todos se conectassem imediatamente seria resultado de um modismo e não de uma opção pedagógica.** ”

Em recente entrevista, a senhora afirmou que a sala de aula deve ser o espaço da polifonia, e da diversidade das vozes, onde todos poderão se comunicar, se posicionar, e que é esta dinâmica que produzirá conhecimento. Isto ainda não é uma prática cotidiana das escolas. Por quê?

Andrea Ramal - Porque a escola ainda não conseguiu se liberar do paradigma de educação baseada na transmissão, polarizado na figura do professor como protagonista e marcado por uma estrutura de horários rígidos, de fragmentação disciplinar, de massificação (tudo para todos ao mesmo tempo) e de linearidade na organização do conhecimento (“o aluno deverá ser capaz de... para só depois avançar...”). Em síntese, é a escola projetada pelas sociedades da escrita. A escola da cibercultura deverá rever essas estruturas e reinventar-se. Será difícil, dá trabalho, envolve inclusive abrir mão de paradigmas há muito cristalizados. Mas é a única forma de redescobrir a função dessa institui-

ção no contexto da interatividade, da visão complexa e integrada dos saberes, da autoria de percursos e navegações e das redes entre conhecimentos e pessoas.

Podemos afirmar que a era da cibercultura facilita a relação escola-comunidade?

Andrea Ramal - De certo modo sim, pois a escola pode fazer uso dos diversos recursos que o ciberespaço oferece para se relacionar com o mundo para além de seus muros. Pode apresentar a sua proposta educativa no site, por exemplo, facilitando o acesso a pessoas que talvez nunca pudessem visitar a instituição pessoalmente. Pode publicar os trabalhos de seus alunos, elevando sua auto-estima e facilitando a comunicação com outros estudantes a partir daí. Pode também divulgar experiências pedagógicas positivas, talvez influenciando até outras instituições, se apresentar propostas ousadas de mudança de paradigma educacional. Ou, ainda, criar um canal mais ágil de comunicação com as famílias. As possibilidades são muitas e esse espaço é novo.

Vivemos em uma sociedade midiática. No entanto, a senhora diz que o principal desafio da educação é o desenvolvimento da capacidade de comunicação entre as pessoas. Não parece contraditório?

Andrea Ramal - Ao contrário. As mídias podem colaborar, se utilizadas de forma complementar, para potencializar nossas capacidades de comunicação. Além disso, creio que o virtual questiona a qualidade das nossas relações presenciais. Por exemplo, se o professor tem aulas virtuais com seus estudantes, o que fará no encontro presencial? Precisa ser algo que justifique o encontro. Em vez de recitar informações, vai orientar os estudos, criar a possibilidade do diálogo e tentar criar laços afetivos entre os grupos. A cibercultura exige mobilidade, troca, diálogo. Projetos são assumidos por equipes multidisciplinares que precisam negociar com olhares diversos sobre o mesmo foco. Trabalhar se torna cada vez mais marcar presença com sua identidade, ser capaz de aprender e gerar mudanças. Tudo isso desafia as salas de aula a criarem novos sistemas de relacionamento interpessoal, nos quais professores e alunos são pesquisadores que aprendem em colaboração em processos novos e criativos. Os estudantes que navegam pela rede aprendem a transitar em um mundo onde há visões e culturas diversas que são convidadas a produzir conhecimento coletivamente, que trazem novos desafios éticos e novas questões sociais. A palavra-chave deste momento é o *link*: laços entre sujeitos que só podem entrar na rede quando assumem o próprio papel. A tecnologia, o hipertextual, apenas materializa, com seus *links*, o que podemos vir a fazer no mundo: tornar-nos protagonistas da navegação e estabelecer laços entre conhecimentos e pessoas.

De que forma a compreensão de uma educação na cibercultura fortalece a idéia de que não é preciso acumular informação, mas estar pronto para obtê-la e assimilá-la sempre que necessário?

Andrea Ramal - Em vez de estar confinada em uma enciclopédia ou nos livros de uma biblioteca, a memória social está hoje permanentemente atualizada pelos milhares de sujeitos que, de diversas partes do mundo, cadastram continuamente novos sites, novos artigos acadêmicos, novas descobertas das ciências, novas produções culturais. Isto gera uma infinidade de informação e não é mais possível saber tudo. Não é nem mesmo necessário, pois essa informação está disponível *on line*. Serve, então, o conceito de *“just in time learning”*: não precisamos saber tudo, mas sim saber como encontrar o que queremos no momento mais pertinente, necessário ou útil. Também é mais importante saber analisar a informação de maneira crítica, separar o que vale daquilo que não vale e ter competência para apropriar-se dela, transformando-a em conhecimento ou recriando-a com novas contribuições. Essas são as competências do leitor-autor da cibercultura.

A senhora acha que os cursos de formação de professores estão preparando os novos profissionais para esta nova sociedade?

Andrea Ramal - Ainda não. A maioria ainda pensa que basta colocar “aulas de computação”, ensinando o conhecido pacote Office. Então o professor aprende a fazer suas provas e apostilas no Word, apresentar aulas no Power Point e a passar as notas no Excel. Não muda sua cabeça como docente, não aprende a ser um “arquiteto cognitivo” ou um “dinamizador da inteligência coletiva”. Não faz idéia de como um aluno pode aprender cada disciplina no ambiente cognitivo do computador, em que muda a psicologia cognitiva devido ao uso do hipertexto, ou como deve escolher um *software* de boa qualidade para trabalhar com os alunos. A tecnologia é apresentada como algo que os professores simplesmente devem aprender, em vez de levá-los a descobrir o porquê da utilização de computadores no ensino e o que exatamente os professores precisam saber. Ocorre falha de método no sentido de que, na verdade, os cursos não deveriam se limitar à aprendizagem progressiva da informática em si, mas sim incluir o estudo das capacidades cognitivas envolvidas na construção do conhecimento com o auxílio de computadores. Precisaria ser incluído na formação dos futuros professores o estudo do desenvolvimento de estratégias metacognitivas que envolvam o computador como auxiliar da aprendizagem.

E os que estão em sala de aula e já trabalham com a cibercultura estão, de fato, diminuindo a exclusão digital?

Andrea Ramal - Costumo dizer que no Brasil tínhamos os sem-terra, os sem-teto e agora também temos os sem-modem. A exclusão digital ainda é muito grande: na Amé-

rica Latina, só 7% das pessoas se conectam regularmente. Creio que, nesse aspecto, o trabalho da sala de aula tem que ser mais voltado para a formação em valores. Que tipo de humanidade iremos formar: pessoas que vivam plugadas como autômatos em monitores individualistas e consumistas, interessados apenas em obter prazer com um *click* do mouse ou pessoas que atuem como agentes de transformação da sociedade, que coloquem a tecnologia a serviço da mudança das estruturas injustas e que façam dos ambientes virtuais e dos presenciais espaços democráticos de harmonia e solidariedade? Isso depende do enfoque com o qual estamos educando. Para levantar e discutir essas questões, não é preciso ter computadores na sala de aula, mas sim consciência do papel do educador como formador de novas pessoas... Pessoas para os demais, a serviço dos demais, principalmente dos que mais precisam. ■

“ **Creio que o virtual questiona a qualidade das nossas relações presenciais. Por exemplo, se o professor tem aulas virtuais com seus estudantes, o que fará no encontro presencial? Precisa ser algo que justifique o encontro.** ”

Sempre é um desafio aproveitar o tempo que dispomos para realizar as inúmeras atividades do nosso dia-a-dia. Em meio a tarefas diárias, necessárias, e , muitas vezes, obrigatórias, ainda há aquelas que compõem o universo de nossos projetos pessoais, sonhos e desejos.

O desafio de planejar a rotina

Adiantar-se ao tempo em pensamento, de acordo com o jornalista francês Jean-Louis Servan-Schreiber, autor do livro "A arte do tempo" (Editora Cultura Associados), concede aos humanos três grandes poderes: a capacidade de prever, de querer e de preparar-se: "Numa sociedade moderna, todos são obrigados a prever. Senão, nada de dinheiro no fim do mês ou de alimentos na geladeira na hora do jantar. Essa atividade de programação pouco original, cujo ponto mínimo é o uso de uma agenda, é realizada mais ou menos bem".

E você, planeja o seu tempo? Qual o seu projeto de vida? Esta rotina faz parte do seu dia-a-dia? Sabe dividir seu tempo a fim de dar conta de todas as suas obrigações, necessidades e sonhos? **Nós da Escola** foi às ruas para ouvir



"Já casei duas vezes. Mas casar está novamente nos meus planos. Acho que estamos sempre replanejando nossa vida. É o meu caso. Quero casar novamente, ter filhos, comprar um apartamento e um novo carro. Profissionalmente, devo fazer um novo curso superior. O problema é que o meu projeto, o projeto de todos nós, sempre esbarra no projeto da sociedade, no projeto do país, do mundo que pode ou não ajudar a realização de nossos objetivos."

Marcelo Reguffe
Gerente publicitário



"Estou há cinco anos planejando a reforma do telhado da minha casa. Para isso, estou economizando. Ganho pouco e minha filha está ajudando. Vou conseguir reformar ainda este ano. A vida está muito difícil. Temos que nos planejar, caso contrário não alcançamos nossos objetivos. Depois do telhado, quem sabe, colocar uma laje e aumentar mais um andar... Estou cheia de planos, mas falta dinheiro."

Eronildes Cardoso Moscoso
Costureira



"Estou no terceiro ano do curso de Fisioterapia do IBMR e o meu projeto é terminar a faculdade. Para isso, muito estudo, muita dedicação, muita força de vontade. A médio prazo, quero conseguir um bom emprego. Mas também tenho meus planos pessoais: casar, ter minha casa, meus filhos... Por enquanto, acho que o projeto profissional está mais encaminhado. Estou

sem namorado, mas à procura."
Mariana Gomes
Estudante



"Sinceramente, não tenho nenhum projeto para minha vida. Já alcancei todos os meus objetivos: casei, comprei minha casa e tenho meus filhos. Atualmente, quero, sim, ajudar meus filhos no projeto deles. Talvez este seja o meu projeto atual: ajudá-los. Todo projeto é resultado de muito trabalho, de muita dedicação, de força de vontade. Passo esta informação para os meus filhos e mostro o quanto o ato de planejar deve fazer parte do dia-a-dia para conquistarmos nossos objetivos."

Aldo Nascimento Filho
Guardador de carros



"Há seis meses fiquei grávida. Não esperava por isso, mas Gilliana em nada mudou meus planos. Tive apenas que reavaliar algumas coisas. Mas continuei os estudos e, com certeza, vou terminar este ano. Agora é tocar a vida: conseguir um emprego na área de enfermagem, comprar a minha casa própria, ter saúde e criar minha filha. Estratégias? Cuidar de mim para ter forças para trabalhar e para cuidar da Gilliana."

Nathália Cristine Oliveira
Estudante de enfermagem



"Estou economizando e trabalhando muito para comprar um apartamento novo. Apartamento com a janela do quarto virada para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Este é o meu projeto atual. Sei que vou conseguir, pois sempre lutei muito para alcançar as minhas metas. Era adolescente, morava em Salvador e tinha o sonho de conhecer o Rio de Janeiro - meu primeiro projeto de vida. Lembro que me planejei bastante. Desde os 14 anos comecei a trabalhar. Aos 17 anos, consegui dinheiro e vim para o Rio. Estou até hoje. Tudo o que eu planejo, eu conquisto."

Maria de Fátima Tude da Rocha
Comerciante

Nova arma contra o doping

Código Mundial Antidoping prevê suspensão de dois anos para atleta que for pego pela primeira vez em exame *antidoping*

O mundo esportivo declarou guerra ao *doping*. No último dia seis de março, representantes de 73 países e 65 federações esportivas internacionais assinaram, em um encontro na Dinamarca, um protocolo aprovando informalmente a criação do novo Código Mundial Antidoping. Para especialistas no tema, a medida representa um avanço sem precedentes nas iniciativas de combate ao que consideram o grande flagelo do esporte.

Não se cria com o novo código, necessariamente, novas regras, mas um entendimento único do que seja *doping*. Até então, quase todos os países tinham leis em relação ao tema e sanções diferentes. O movimento olímpico, por

exemplo, tinha até um regulamento, mas que conflitava vez por outra com o das autoridades públicas.

A partir de 1º de janeiro de 2004, data marcada para o documento entrar em vigor, isso acaba. "Teremos uma única definição de *doping*, uma única lista de substâncias e métodos proibidos e uma única forma de sanção", explica o professor Eduardo Henrique De Rose, médico do Comitê Olímpico Internacional e diretor do departamento *antidoping* do Comitê Olímpico Brasileiro.

Na prática, o novo código traz duas inovações: a suspensão de dois anos para os atletas que forem reprovados, mesmo pela primeira vez, em exames *antidoping* e a criação de uma lista anual, a ser feita pela World Antidoping Agency (WADA), de substâncias proibidas.

Se para o esporte mundial a criação do novo código significa, nas palavras do professor De Rose, "a possibilidade de ter uma linha comum de trabalho na prevenção, na educação e na pesquisa contra o *doping*", para a comunidade esportiva brasileira é a chance de, pela primeira vez, termos uma lei eficaz. "Nossa legislação é obsoleta e ineficaz. Enquanto a pena para casos de anabólicos é de dois anos na área internacional, aqui dificilmente os atletas são punidos por mais de 30 dias", completa o professor, que também é membro da WADA, órgão internacional criado em 1999 e responsável pela unificação da legislação *antidoping*.

Anabólicos, aliás, é a classe de substância mais usada pelos atletas, especialmente por aqueles de modalidades esporti- ▶

Passaporte *antidoping*: um caminho possível

Prof. Dr. Manoel Tubino
Presidente da Fédération Internationale d'Éducation Physique - FIEP
Diretor do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Veiga de Almeida
Professor Titular da Universidade Castelo Branco

O *doping* começou a ser pautado nas atividades esportivas na década de 1950, quando o esporte passou a ser mais um palco da chamada "Guerra Fria" e algumas modalidades (Boxe, Tênis, Golfe, Beisebol, Futebol Americano, Automobilismo e Motociclismo) tornaram-se profissionais. Na busca da exaltação de uma supremacia ideológica de um lado e de melhores resultados para mais privilégios de outro, provocaram a chegada do "ilícito" no esporte. Desde esta época, instalou-se uma disputa entre a pesquisa/tecnologia pró e a pesquisa/tecnologia contra o *doping*. A verdade é que a tecnologia *pró-doping* sempre andou na frente. Toda vez que surgia um meio mais sofisticado de controle, imediatamente era desenvolvida uma nova tecnologia dopante ou de neutralização dos meios de aferição.

Este quadro agravou-se a partir de 1980, quando o Esporte de Rendimento, ao deixar de constituir-se em uso político-ideológico, tornou-se negócio. Junto com o negócio chegou a lógica do mercantilismo (lucro), que passou a conflitar com a ética do esporte, baseada no chamado espírito esportivo.

Na passagem para o século XXI pode-se afirmar que o *doping* é o grande flagelo do esporte. Todas as autoridades esportivas mundiais se empenham em desenvolver meios para combatê-lo. A criação recente da WADA (World Anti-doping Agency) é a ação mais vigorosa neste sentido. Nestes dias editou a Carta Antidoping.

Entretanto, vejo com limitações todas estas ações internacionais *anti-doping*, todas mais apoiadas em punições do que tomadas de consciência. É neste sentido o que se traz uma proposta, que teve início numa entrevista do grande atleta Carl Lewis, na qual se preconiza um Passaporte Anti-Doping, o qual consistiria num documento a ser assinado antes das grandes competições pelos atletas, médicos, treinadores e por outros atletas da equipe. Caso fosse constatada uma situação de *doping* todos deste *team* seriam atingidos (desclassificações, punições, suspensões de competições etc.). Nesta proposta seria trocada a cumplicidade negativa (ver e não denunciar) para uma cumplicidade positiva, isto é, saíramos de uma responsabilidade individual para uma responsabilidade coletiva. Talvez aí esteja um caminho a experimentar...





O Ladetec tem capacidade para analisar até 110 amostras por dia

vas que envolvem o uso da força. Segundo De Rose, 65% das análises positivas são de anabólicos esteróides. Logo abaixo, aparece os estimulantes, 25%, usados normalmente em esportes em que a resistência é o fator principal da performance. Além desses, há outros grupos farmacológicos, como, por exemplo, os hormônios, e drogas sociais, como a maconha e a cocaína.

Na opinião da médica Fátima Goulart Coutinho, pediatra e assessora do programa para adolescentes da Secretaria Municipal de Saúde, o debate em torno da criação do código serve para chamar atenção para o uso inadvertido das substâncias ilícitas de uma forma geral. Em seu trabalho nas unidades municipais de saúde, é relativamente freqüente casos de jovens que chegam apresentando efeitos colaterais do uso das chamadas 'bombas' (anabolizante hormonal). "São muitas as substâncias vendidas e a mais comum é o anabolizante hormonal, cujos efeitos colaterais vão desde aumento da agressividade, que acaba gerando mais violência, até infarto do miocárdio", diz a pediatra. ■

Brasil tem laboratório credenciado pelo COI

O Comitê Olímpico Internacional (COI) tem credenciado, em todo o mundo, apenas 26 laboratórios para exame *antidoping*. Um deles fica aqui, no Rio de Janeiro, mais precisamente na Ilha do Fundão.

Parte do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Laboratório de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (Ladetec) já trabalha há 11 anos realizando exame *antidoping*. A equipe de pesquisadores tem capacidade para analisar, anualmente, 3.600 amostras e divulgar o resultado em até 24 horas.

Segundo o farmacologista Luiz Nelson Ferreira Gomes, pesquisador do Ladetec, a taxa de resultados positivos gira em torno de 1%, valor que se repete em laboratórios de outros países. "Quando se começou a rastrear, oficialmente, em 1980, os casos de *doping*, o número era alto. Com o tempo, a taxa foi diminuindo até estabilizar em 1% a 2% das amostras. O que significa dizer que os atletas estão tomando mais cuidado".

Escola, lugar de partilhar ideais

Na Escola Municipal Fernando de Azevedo, a integração entre família e a escola é a chave do Projeto Político Pedagógico

Um grupo de alunos da 8ª série da Escola Municipal Fernando de Azevedo, em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, resolveu participar este ano da oficina de Protagonismo Juvenil, uma das 76 oferecidas pelo Pólo de Educação pelo Trabalho. Os estudantes estão revendo suas histórias, percebendo suas potencialidades e reconhecendo suas dificuldades. Juntos, discutem como vencê-las. Debatem o futuro e fazem planos, apostando no sucesso de cada um. Simples dinâmica de uma oficina, mas que, na verdade, se traduz em passos importantes e necessários. Passos que os tornam mais seguros, confiantes e conscientes do seu papel na construção do seu caminho, do seu próprio projeto de vida.

Valorizar a identidade e a auto-estima dos alunos é o objetivo da oficina e do próprio Projeto Político Pedagógico da escola. Objetivo que vem sendo alcançado aos poucos e com a participação efetiva

de professores, funcionários, responsáveis e, é claro, dos estudantes. A direção da escola sabe que muitos dos seus alunos se sentem marginalizados e com baixa auto-estima.

Inserida neste contexto e como parte integrante da vida dos alunos, a escola enfrenta diversos obstáculos: falta de identidade com a história e a cultura locais, poucas opções de lazer e de infra-estrutura do bairro, que acabam afetando o desempenho ▶



Fotos tiradas na E. M. Fernando de Azevedo e no Centro Cultural de Santa Cruz, em Santa Cruz, Zona Oeste, RJ

escolar e até as relações interpessoais e profissionais dentro da instituição. A região de Santa Cruz apresenta um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano, segundo relatório divulgado pela Prefeitura do Rio, em 2001, que utilizou dados do Censo de 1991 e pesquisas posteriores.

Daí o investimento na auto-estima e na constituição da identidade dos alunos, explica a diretora da escola Sandra da Silva Mota Lima, há 13 anos no cargo: "Todo ano recebemos novos alunos que são, inclusive, novos moradores da região, que por viverem em locais de risco foram transferidos para Santa Cruz. Todo ano iniciamos então o trabalho de resgate de identidade e de valorização do bairro, apostando em cada um dos estudantes e chamando sua família para participar deste projeto. Valorizando a identidade e elevando a auto-estima, conseguimos melhorar o desempenho escolar, a relação entre aluno e professor e amenizar a violência, afastando os jovens das drogas, do ócio não-produtivo e da marginalidade".

Nova visão - A necessidade de caminhar nesta direção não é de hoje. Cristine Tenuto, coordenadora pedagógica da escola, destaca que vários projetos, inclusive, desenvolvidos isoladamente por professores há mais de dez anos, apresentavam a mesma meta. O que mudou? Cristine conta: "Mudou a visão da escola ao elaborar estes projetos. Antes, por uma prática que desconhecía a necessidade da participação coletiva e da importância da im-

plantação de um Projeto Político Pedagógico, a direção formulava um projeto e o apresentava para a comunidade como algo acabado, podendo ser pouco discutido e reformulado. A escola estabelecia suas decisões de forma unilateral".

Forma unilateral que, embora desse algum resultado, não ouvia a comunidade, não respeitava a coletividade, não se fazia representar. Não por uma questão ou visão autoritária, mas por uma prática que se achava correta e que foi sendo mudada a partir do momento em que a própria Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro iniciava uma discussão, dentro da Rede, da necessidade de implantar o chamado Projeto Político Pedagógico.

Projeto executável, claro, coletivo e, principalmente, aceito por todos os envolvidos. Foi desta forma que ele foi construído e vem sendo aplicado – enfrentando, sim, todas as dificuldades de uma escola de 5ª a 8ª série: "Geralmente, a participação dos pais no dia-a-dia das escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental deixa a desejar. Eles participam muito mais do cotidiano escolar dos seus filhos até a 4ª série. Acham que a partir da 5ª, seus filhos já estão crescidos o suficiente, que não precisam estar presentes na escola o tempo todo, não precisam se dedicar tanto", afirma a diretora Sandra.

Diálogo - Ledo engano, de acordo com o funcionário José Félix de Lima: "É nesta faixa etária que os alunos mais precisam de sua família. Estão descobrindo o corpo e se preparando para prosseguir os estudos e entrar para o mercado de trabalho. O apoio, a dedicação, a atenção e a cobrança da família são fundamentais". José Félix sabe do que está falando. Além de ser um dos inspetores da escola, ele é pai de dois estudantes e também representa os funcionários no Conselho Escola-comunidade da instituição.

O diálogo portanto é a palavra de ordem. Por comparecerem pouco à instituição, os responsáveis são os convidados de honra. Os professores valorizam cada contato. E é por meio de cada encontro que os educadores tentam chamá-los a participar mais do dia-a-dia da escola. E são estas mesmas conversas que sinalizam as preocupações, dificuldades e aspirações dos responsáveis que se traduzem em projetos pedagógicos. "É uma mãe que chora porque o seu filho pode estar envolvido com drogas. É um pai que nos mostra sua preocupação com a vida sexual da sua filha. Tudo isto nos ajuda a perceber quais são as demandas da comunidade, que acabam orientando também nossas práticas diárias. Um exemplo prático vem do Pólo de Ciências e Matemática. Os professores desenvolvem projetos e dinâmicas sobre a importância de cuidar do corpo e debatem assuntos relacionados às doenças sexualmente transmissíveis", destaca Sandra.

O resultado é positivo. Os pais acabam percebendo que a escola também está ao seu lado na formação dos seus filhos e que eles são fundamentais no cotidiano. A direção deixa claro

isto o tempo todo: sem a participação dos pais, não há projeto pedagógico que dê conta de todos os objetivos. Para Sandra, o Projeto Político Pedagógico da escola está calcado, hoje mais do que nunca, no projeto político, no compromisso ético de toda comunidade - principalmente na aliança de funcionários, pais e professores.

Os professores também são conquistados pela direção a participar desta aliança diariamente. Uma das estratégias da Fernando de Azevedo é transformar a escola em um ambiente de trabalho confortável que faz com que o educador tenha prazer de exercer sua função. A sala de professores, por exemplo, tem televisão, revistas, sofás, mesas... tudo para oferecer o conforto e favorecer o bate-papo entre os profissionais da escola. Sala de professores: palco de origem de muitos trabalhos e projetos interdisciplinares e que extrapolam os muros da escola. Assim surgiu a ideia de fazer também parcerias, por exemplo, com o posto de saúde da região, com o conselho tutelar e com a associação de moradores. Parcerias também com outras escolas municipais e estaduais.

Um dos projetos que vem dando mais certo é o trabalho em conjunto com a Escola Municipal Prefeito João Carlos Vital, que fica aproximadamente a um quarteirão. Constantemente, Cristine Tenuto, coordenadora pedagógica da escola, visita os alunos da João Carlos, que possui turmas de Educação Infantil a 4ª série do Ensino Fundamental: "Quase todos os alunos quando terminam a 4ª série são matriculados na Fernando de Azevedo. Por isto, junto à direção da João Carlos, inicio um trabalho de valorização do bairro, da identidade e da auto-estima dos estudantes".

E o mais importante: a direção da Fernando de Azevedo participa das reuniões de pais da João Carlos, mostrando a importância de cada um deles serem co-participantes também da futura escola dos seus filhos. Segundo Maria Helena Domingues de Castro, coordenadora pedagógica da João Carlos Vital, o trabalho de formiguinha, como faz questão de frisar, vem surtindo efeito. Hoje, quando encontra seus ex-alunos e conversa com os professores da outra escola, percebe que os responsáveis estão estabelecendo melhor contato com a direção.

A direção comemora. Tem certeza de que há muito o que fazer ainda. A participação maciça dos responsáveis é um sonho. Todo dia é um recomeço e um avanço. Trabalho é o que não falta, assim como força de vontade e confiança. A escola acredita que este trabalho trilhando o melhor caminho. Promove o diálogo, apóia a arte, incentiva o protagonismo, cobra a participação dos pais e estreita canais com a comunidade. Tudo para alcançar o êxito escolar. Tudo para contribuir, efetivamente, para elevar a auto-estima dos cidadãos de Santa Cruz, construindo um presente e um futuro melhores. "Estamos aqui porque somos os melhores", avisa um dos alunos à equipe da Nós da Escola. É, com certeza, a escola está buscando o caminho certo. ■

Tradição marca a história de Santa Cruz

Foram os índios os primeiros habitantes de Santa Cruz. Com a chegada dos portugueses, a região fica sob a administração do capitão-mor Cristóvão Monteiro, dono da Capitania de São Vicente e um dos grandes responsáveis pela expulsão dos franceses que invadiram a cidade do Rio de Janeiro.

Com a morte do capitão, metade de suas terras são transferidas para os padres da Companhia de Jesus. Território que aos poucos é ampliado. Para demarcá-lo, os jesuítas erguem uma cruz de madeira na região. Era a Cruz de Cristo, símbolo maior da companhia, símbolo que deu nome ao bairro. Bairro famoso por abrigar a chamada Fazenda de Santa Cruz, a mais moderna da época que possuía milhares de escravos, um grande rebanho bovino e uma agricultura avançada.

Em 1759, os jesuítas são expulsos pelo então Marquês de Pombal. As terras passam para as mãos da coroa portuguesa, que com a chegada da Família Real, em 1808, se transformam em local de descanso da corte. O convento dos jesuítas é transformado no Palácio Real de Santa Cruz. Com a independência do país, D. Pedro I também continua frequentando a região. O Palácio Real se transformou em Palácio Imperial, hoje, sede do Batalhão-Escola de Engenharia, o Batalhão Villagrán Cabrera. Até alguns períodos do Brasil republicano, Santa Cruz é palco de movimentos culturais, políticos, econômicos e religiosos.

Esta pequena história de Santa Cruz poucos conhecem. Uma história rica de cultura e tradição que é guardada até hoje pelos monumentos históricos espalhados pelo bairro. História que vem sendo resgatada pelos professores e alunos da Escola Municipal Fernando de Azevedo.

Que o diga, por exemplo, a professora Odalice Miranda Probst, carioca de Santa Cruz, a professora de francês ensino o idioma tendo como pano de fundo o bairro, sua história e curiosidades. As aulas acontecem fora da sala de aula. Em vez de falar sobre o Palácio de Versailles, a Torre Eiffel ou o Arco do Triunfo, Odalice conta a história do Palacete do Matadouro, sede administrativa do mais importante matadouro do Rio da época do Império. Passeia pelo Centro Cultural de Santa Cruz e observa de perto com os alunos a Fonte Wallace, escultura doada pelo inglês Ricardo Wallace a algumas cidades do mundo. Leva os alunos ao Hangar do Zeppelin de Santa Cruz, construído em 1934, único que existe no mundo. Os zeppelins partiam de Frankfurt, na Alemanha, e desciam em Santa Cruz para manutenção, reabastecimento e embarque de passageiros. Hoje, integra a Base Aérea de Santa Cruz, o maior complexo aerotático da América Latina.

"A paisagem da França deu espaço para Santa Cruz. Troquei a sala de aula pelas ruas do bairro. Resgate a história da região, reconstituindo assim a identidade dos alunos. Este trabalho me realiza plenamente. Estou de fato contribuindo para a valorização da imagem da comunidade, resgatando o passado para compreender o presente. E os estudantes? Adoram. Afinal, quem não quer conhecer a sua própria história e saber o quanto ela é rica, interessante e motivo de orgulho?", indaga Odalice.

O ser humano estabelece prioridades em sua vida, formulando estratégias e planos de ação para atingir suas metas e cumpri-las com a maior eficiência possível. O ato de planejar é fundamental no dia-a-dia, pois se faz uso dele para pôr em prática, organizar e realizar necessidades, vontades, compromissos e obrigações da vida moderna. *Planejar* é sistematizar procedimentos cotidianos, para obter êxito continuado e responsável, o que é desejável para pessoas, empresas e outras instituições, como as escolas.

Como uma obra aberta

Desde o seu surgimento, a instituição escolar estabelece propostas para atender às expectativas de uma sociedade, da qual ela mesma é parte integrante. A democratização do ensino, as demandas da família, a dinâmica do trabalho, a globalização da economia, o avanço da ciência e o impacto da mídia são apenas alguns fatores que influenciam o cotidiano escolar e que acabam promovendo um repensar do seu papel e das próprias funções dos seus membros - professores, alunos, responsáveis e funcionários.

Princípios - Instituto oficialmente no município do Rio de Janeiro pela Secretaria Municipal de Educação (SME), no início da década de 90, o Projeto Político Pedagógico - exigência legal desde o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN/96) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica - deve integrar estas e outras questões, organizando, promovendo, incentivando, criando, avaliando e reformulando práticas com a comunidade escolar. O objetivo é

definir, coletivamente, os Princípios Éticos, Políticos e Estéticos que orientam a vida escolar e as decisões teórico-metodológicas que definem as práticas pedagógicas, considerando as características, os desejos, as dificuldades e capacidades de todos os membros da escola.

"A construção de um projeto coletivo, a partir da realidade escolar, caminha no sentido de resgatar a experiência de vida dos alunos que, aliada a de seus pais, é incorporada ao projeto, dando consistência à identidade da escola", afirma Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado, professora do Departamento de Administração Escolar, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O que acaba, segundo a professora, contribuindo para promover a autonomia, a iniciativa e a criatividade do corpo docente.

O comprometimento de todos os membros é, portanto, indispensável, embora com diferentes níveis de interferências, cabendo à direção e ao corpo docente a maior responsabilidade na elaboração do documento. É por meio desta participação que cada pessoa é respeitada como indivíduo e como parte integrante de um corpo maior e coletivo que é a escola. Quando o projeto não é elaborado em conjunto, mas, sim, por um grupo não-representativo da comunidade, a proposta dificilmente consegue ser vivida na prática e se transforma em um projeto imposto, autoritário e sem sentido.

Reflexão - Isto é exatamente o que não se quer. O Núcleo Curricular Multieducação - aprovado em 1995, deixa claro que o Projeto Político Pedagógico não é um documento para ser entregue às autoridades. É, sim, produto de uma reflexão responsável e profunda sobre

as características da escola, da comunidade por ela atendida e dos profissionais que nela trabalham, responsáveis pelos valores e os conhecimentos priorizados pela equipe docente.

Marli Eliza Dalmazo de André, professora titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), complementa em seu artigo "Avaliação Escolar: desafios e perspectivas" que o projeto deve expressar a reflexão e o trabalho realizado em conjunto por todos os profissionais da escola, no sentido de atender às diretrizes do sistema nacional de Educação, bem como às necessidades locais e específicas da clientela desta escola. Não é somente uma carta de intenções, nem apenas uma exigência de ordem administrativa".

Desta forma a responsabilidade expressa no Projeto Político Pedagógico se fortifica, pois já traz integrado em seu planejamento o processo de avaliação e, portanto, de aperfeiçoamento pedagógico, constante e dinâmico. Uma tarefa, sem dúvida nenhuma, desafiadora, pois além do ▶



Jardim de Infância Marçal Hermes, Botafogo, Zona Sul, RJ

compromisso político que a construção do projeto estabelece e da importância do trabalho pedagógico, é preciso que a comunidade escolar se transforme de fato. Transformação que significa repensar atitudes, valores, princípios e relações para atingir o êxito educacional de professores e alunos. Todo projeto, na verdade, supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro, para que num processo dinâmico e construtivo, aperfeiçoe as práticas pedagógicas.

Dito isto fica claro porque o projeto tem a dimensão política e pedagógica. Política porque traz pensamento e ação, exprime uma visão de mundo de valores éticos, políticos e estéticos, de sociedade, de educação, de profissional e de aluno que se deseja constituir. Tomar decisões, fazer escolhas e realizar ações são todos atos políticos. Pedagógica porque nela está a possibilidade de tornar real a intenção da escola, subsidiando e orientando a ação educativa no cumprimento de seus propósitos, que têm como atividade fim a educação inclusiva e, portanto, democrática de todos os alunos, seres humanos singulares. Assim, estes seres humanos, nossos alunos, tornam-se responsáveis, críticos e criativos.

Na prática - Mas em termos práticos de que forma o Projeto Político Pedagógico pode ser construído, elaborado e aplicado no cotidiano? Ilma Passos de Alencastro Veiga, professora e autora do livro "Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível" (Editora Papirus), explica: "Ele deve nascer da própria realidade, tendo como suporte a explicitação das causas dos problemas e das situações nas quais tais problemas aparecem; ser exequível e prever as condições necessárias ao desenvolvimento e à avaliação; e ser construído continuamente, pois como produto, é também processo". E como uma *obra aberta*, o Projeto Político Pedagógico deve ser sempre revisado e replanejado ao longo do processo.

Desta forma o Projeto Político Pedagógico depende, diretamente, dos valores éticos, políticos e estéticos da equipe de professores e, certamente, de sua experiência docente e do seu conhecimento sobre seus alunos, sobre os conteúdos das áreas de conhecimento e sobre as relações entre teoria e prática.

Estudiosos do assunto apontam que a construção do projeto pode ser realizada em três etapas e que, na realidade, estas fases devem responder respectivamente a três perguntas básicas: Em que escola/sociedade vivemos (a escola/sociedade real)? Que escola/sociedade queremos proporcionar aos nossos alunos (a escola/sociedade ideal)? E quais ações a escola/sociedade deve promover, em conjunto com seus membros, para que a escola/sociedade real se transforme na escola/sociedade ideal?

O primeiro passo é conhecer e refletir sobre a realidade da escola, tentando responder também a outras questões: Quem são nossos alunos? (processo de desenvolvimento psicossocial de cada um deles). Como é a comunidade à qual eles pertencem? Quais são as características do corpo docente? Qual a razão desta escola existir dentro desta comunidade? Como o cotidiano tem afetado a vida dos alunos e dos profissionais da escola? São

as respostas destas e de outras perguntas que darão o tom do trabalho e que determinarão a linha e o rumo do projeto.

Metas - Na prática, os Princípios Éticos, Políticos e Estéticos propostos pelo documento serão os mesmos para todas as escolas brasileiras, pois trabalham por um projeto de nação à qual todos os alunos pertencem. No entanto, as metas e objetivos específicos do Projeto Político Pedagógico devem ser relacionados com as características dos alunos de cada escola, considerando que todos têm as mesmas capacidades, embora os portadores de necessidades especiais mereçam atenções mais particularizadas. As características de nossos alunos são explicitadas, principalmente, por sua origem socioeconômica, em que a situação familiar apresenta grande influência, assim como por sua idade, gênero, aspectos de saúde e experiências prévias.

Estas metas e objetivos específicos devem também, necessariamente, refletir as decisões pedagógicas do corpo docente em relação à aplicação de teorias às diferentes áreas de conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, etc.).

A edição de número 8 da Revista **Nós da Escola**, que tratou sobre a relação família e escola, mostrou que as duas instituições vivem, às vezes, alguns conflitos, mas que devem promover um relacionamento produtivo e solidário em busca do êxito do processo educacional. A reportagem mostrou, por meio de pesquisas e dados estatísticos, o quanto a família brasileira e os papéis creditados à escola mudaram ao longo do tempo. E frisou também que a união de ambas vem colaborando para a construção de uma nova escola, onde a família e os professores



Criar da Criança Vicentini de Carvalho, em Vicente de Carvalho, Zona Norte, RJ

Os estudantes devem ter direito de participar das decisões do projeto da sua escola

são co-autores das decisões administrativas e pedagógicas, o que acaba favorecendo e facilitando a educação dos estudantes, objetivo final de todos.

Parceria - A relação escola-comunidade tem sido objeto de estudo. Acredita-se que o sucesso desta parceria consiga responder a uma série de interrogações e desafios que a escola enfrenta no seu cotidiano, desde a constituição da cidadania à possibilidade de promover uma educação mais significativa na escola, à solução de problemas de violência e vandalismo, até a permanência exitosa das crianças na escola.

Para que isto aconteça, de fato, é fundamental e urgente que a escola se veja como parte integran-

te da comunidade na qual está inserida, sujeita a todas as transformações e influências. Por outro lado, a comunidade deve enxergar a escola como sua, na qual pode e deve participar e cuidar.

Neste cenário, a organização dos Conselhos Escola-Comunidade (CEC) vêm se afirmando como uma forma de se estabelecer um compromisso mútuo entre a família e a escola. Composto por representantes de alunos, professores, funcionários, associação de moradores e pais, cada conselho funciona como um efetivo e eficiente canal de comunicação entre as duas instituições. É por meio dele que as famílias de todos os alunos podem se fazer representar, ajudando no gerenciamento de recursos financeiros, colaborando com o corpo administrativo e pedagógico das unidades e participando da elaboração do Projeto Político Pedagógico.

Sob estas condições, o projeto elaborado tem a cara da escola, é entendido por todos e, o mais importante, legitimado. Pais, alunos, funcionários e professores sentem-se donos da escola, assumem para si a responsabilidade de também lutarem pelo êxito escolar, pela

melhoria da qualidade de ensino. A escola que trabalha desta maneira está, na verdade, se constituindo como uma escola cidadã, como uma escola cada vez mais comprometida com a identidade de sua comunidade, que respeita as diferenças locais e regionais, dentro de uma concepção global, traduzindo-se em uma escola participativa, democrática e autônoma.

Autonomia que encontra respaldo na própria Constituição brasileira, de 1988, que instituiu a chamada democracia participativa e estabeleceu como princípios básicos, na área da Educação, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, além da gestão democrática do ensino público (artigo 206). ▶

Projeto Político Pedagógico

- Concebido e elaborado por todos os membros da comunidade escolar, de acordo com a responsabilidade de cada um
- Implica em um compromisso político e em uma competência administrativo-pedagógica dos educadores
- Centrado nos alunos
- Fortalece a escola como espaço educacional
- Pressupõe o conhecimento total da escola, do processo educativo que acontece no seu interior, no seu cotidiano, bem como nas relações sociais que acontecem fora do espaço escolar
- Interfere na articulação geral do currículo, na organização do tempo e do espaço
- Contribui para a construção de uma sociedade democrática, justa e solidária

Gestão democrática - O educador Edgar Morin, no seu livro "Os sete saberes necessários à Educação do Futuro" (Editora Cortez), diz que o indivíduo e a sociedade existem mutuamente. A democracia favorece a relação rica e complexa indivíduo-sociedade, em que os indivíduos e a sociedade podem ajudar-se, desenvolver-se, regular-se e controlar-se mutuamente. E para que esta gestão democrática, seja no cotidiano ou na escola, possa de fato ser vivida ela necessita do consenso da maioria dos cidadãos e do respeito às regras democráticas: "Necessita de que a maioria dos cidadãos acredite na democracia. Mas, do mesmo modo que o consenso, a democracia necessita de diversidade e antagonismos. A democracia supõe e nutre a diversidade dos interesses, assim como a diversidade de idéias".

Na teoria, é a gestão democrática que efetivamente irá conduzir de forma positiva e segura todas as ações políticas e pedagógicas das escolas, como destaca o livro "Construindo a escola cidadã", publicação do Ministério da Educação (MEC): "A construção coletiva tende a aumentar a probabilidade de se obter resultados satisfatórios a curto prazo, primeiro, porque prevê o envolvimento, e, segundo, porque as ações a serem implementadas na escola considerarão o diagnóstico feito a partir dos dados levantados e da análise crítica da realidade constatada".

No entanto, o que se vê na prática, muitas vezes, é o fracasso deste encadeamento. Fracasso que pode ser resultante da falta de comprometimento dos membros da escola e do comodismo existente e natural em todo processo de mudança. Mudar esta postura é um trabalho de

conscientização, de diálogo e de convencimento, que deve caber não só ao diretor da escola, mas também a todos aqueles que atuam nela.

Não há dúvida: é preciso criar e estabelecer condições favoráveis para promover a participação de todos. Os segmentos precisam, de fato, sentirem-se respeitados e chamados à mesa para terem prazer de exercer seus direitos e deveres. Sem privilegiar um ou outro membro, mas todos, inclusive, os estudantes, que às vezes, devido à idade, são esquecidos e subestimados. Esta é uma tarefa importante, que cabe à direção, à coordenação pedagógica e ao professor.

Participação - Hoje sabe-se que os alunos aprendem quando também se tornam sujeitos da sua própria aprendizagem. Quando chegam à escola já trazem uma bagagem de conhecimento, de informação e de valores aprendidos tanto em casa quanto em todas as relações sociais e, inclusive, midiáticas. Por conta disso, os estudantes devem ter o direito de participar também das decisões que dizem respeito ao projeto de sua escola, que, na prática, faz parte do seu próprio projeto de vida.

A participação de todos deve implicar, efetivamente, em definição de papéis e de responsabilidades de cada membro. Não deve haver autoritarismo nem disputa de poder, mas clareza quanto aos compromissos de cada um. Há que se ter cuidado de não estabelecer uma democracia inócua. Hábitos democráticos na escola supõem conhecimentos específicos, responsabilidades, experiências e hierarquias no uso da autonomia, no caso do município do Rio, entre a Secretaria Municipal de Educação, as Coordenadorias Regionais de Educação, o corpo docente, o corpo discente, funcionários, Conselho Escola-comunidade e pais.

Neste sentido, eleger conteúdos que tenham significado para a vida social e desenvolvê-los, de tal modo que os alunos possam estabelecer relações entre o que aprendem e o que vivem em suas comunidades, é uma boa estratégia de aproximar os alunos da escola e vice-versa. Um trabalho pedagógico desta natureza faz com que a relação escola-comunidade não fique apenas no discurso, mas seja uma rotina escolar, promovendo o reconhecimento como fonte de conhecimento e de cultura, valorizando os saberes e formas de expressão próprios.

Professor de Ciências da Educação, da Universidade de Paris, Bernard Charlot, ao participar no início deste ano do II Fórum de Educação, em Porto Alegre, afirmou que, na prática, todo programa pedagógico, todo currículo, todo método pedagógico tem uma dimensão política indissociável. Por trás do que às vezes parece ser uma escolha técnica, operam valores éticos e políticos, uma representação do ser humano, da sociedade, das relações que cada um deve manter

com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Antônio Nóvoa concorda. Doutor em Educação e catedrático da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Nóvoa, em entrevista à MULTIRIO, completa: "Educar é sempre uma escolha, uma opção cultural, social e ideológica de uma sociedade. E são essas escolhas que determinarão os projetos, os currículos e o cotidiano da escola. Não se trata de um processo positivo ou negativo. É um processo inevitável".

Portanto, afirma Moacir Gadotti, professor da Universidade de São Paulo e diretor do Instituto Paulo Freire, só as escolas que conhecem de perto a comunidade e seus projetos podem dar respostas concretas a problemas concretos de cada uma delas; podem respeitar as peculiaridades étnicas, sociais e culturais de cada região; podem diminuir os gastos com a burocracia. E a própria comunidade pode avaliar de perto os resultados, objetivando o êxito da formação e da qualidade educacional. ■

Alunos nota 10

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro divulgou, recentemente, o resultado da avaliação externa da 4ª série do Ensino Fundamental, realizada pela Fundação Cesgranrio. Os 54.130 alunos que participaram da avaliação superaram a média dos estudantes brasileiros nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. As crianças cariocas alcançaram 171,9 pontos em Língua Portuguesa, enquanto a média nacional, 165,1. Em Matemática, conseguiram 185,3 pontos, superior aos 176,3 da média do país. A verificação utilizou a mesma metodologia do Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb).

O Saeb avalia escolas públicas e particulares de todos os estados e regiões. A cada dois anos, são feitos exames de Português e Matemática e o desempenho dos alunos é classificado em oito níveis, conforme o número de pontos. Além disso, são coletadas informações sobre alunos, turmas, professoras, diretores e escolas.

Participaram desta avaliação externa 54.130 alunos de um total previsto de 63.290 em 760 escolas municipais. O percentual de faltas, de 14,47%, foi considerado baixo, quando comparado com outras avaliações que envolvem grande número de alunos, como o Saeb.

Cada professor da 4ª série recebeu uma publicação contendo os testes aplicados aos alunos, com comentários pedagógicos e estatísticos. O material será utilizado pelas escolas em atividades de replanejamento de ensino.

Até maio, a Fundação Cesgranrio divulgará os resultados de outra pesquisa: Fatores Associados ao Desempenho. O levantamento vai listar e indicar os fatores que contribuirão para o êxito escolar dos alunos, como explica a professora e coordenadora de avaliação da Fundação Cesgranrio, Nilma Santos Fontanive: "Ainda estamos analisando os dados coletados durante a avaliação, mas temos certeza que quando os responsáveis dos alunos participam de sua educação e se preocupam com seus filhos o desempenho melhora. Isto é comprovado estatisticamente, independentemente da classe social.

Em maio, também, pela primeira vez no país, os responsáveis pelos alunos da 4ª série da Rede Municipal de Ensino do Rio receberão um informativo, produzido pela Cesgranrio, que explicará, por meio de uma linguagem simples, os resultados obtidos pelos estudantes na avaliação. "Na verdade, é uma prestação de contas aos pais dos alunos, que merecem este retorno. Pois eles são importantes e necessários no êxito da vida escolar das crianças e jovens", enfatiza a professora Nilma.



Veja no site da MULTIRIO: O que a escola não pode esquecer na hora de construir o seu Projeto Político Pedagógico. O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Multieducação sobre a importância e a necessidade da elaboração do projeto.

É fundamental desenvolver o trabalho na escola com conteúdos significativos para a vida social dos alunos



Artigo/Ilma Passos Alencastro Veiga*

Projeto Político Pedagógico: diagnosticando seus elementos constitutivos

A escola é o espaço de concepção, execução e avaliação de seu projeto Político Pedagógico. O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Isto significa resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão. Portanto, é preciso entender que o projeto Político Pedagógico da escola dará indicações necessárias à organização do trabalho pedagógico, que inclui o trabalho do professor e alunos na dinâmica interna da sala de aula, respaldada pela ação educativa dos diversos profissionais que atuam na escola. Se a escola nutre-se da vivência cotidiana de cada um de seus membros, co-participantes de sua organização do trabalho pedagógico à administração central, seja do Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Estadual ou Municipal, não compete a eles definir um modelo pronto e acabado, mas sim estimular inovações e coordenar as ações pedagógicas planejadas e organizadas pela própria escola. Em outras palavras, as escolas necessitam receber assis-

tência técnica e financeira decidida em conjunto com as instâncias superiores do sistema de ensino.

Vale reafirmar que é necessário praticar constantemente o exercício da participação em todas as suas dimensões: administrativa, financeira e pedagógica, mantendo o diálogo com todos os envolvidos, e não apenas com os que pensam e agem como nós. Nesse sentido, é preciso diagnosticar os elementos básicos que estruturam o projeto Político Pedagógico. Mas, como? Levantando questões orientadoras do processo analítico.

O primeiro elemento básico diz respeito às finalidades. É necessário indagar: das finalidades estabelecidas, na legislação em vigor, o que a escola persegue, com maior ou menor ênfase? Essa questão está sustentada na ideia de que a escola deve refletir sobre sua intencionalidade educativa.

A escola, de forma geral, dispõe de ações de dois tipos fundamentais de estrutura: administrativas e pedagógicas. As primeiras asseguram, praticamente, a locação e a gestão de recursos humanos, físicos e financeiros. Fazem parte, ainda, todos os elementos que têm uma forma material: a arquitetura de edifício escolar, equipamentos, materiais didáticos, mobiliário, distribuição das dependências escolares e espaços livres, cores, limpeza e saneamento básico (água, esgoto, lixo, energia elétrica). É preciso indagar: a estrutura é adequada? É viável? Os equipamentos estão em boas condições de uso? Existem mobiliários e materiais que precisam ser recuperados, substituídos? As estruturas pedagógicas referem-se às interações políticas, às questões de ensino-aprendizagem e às de currículo. O diagnóstico da estrutura pedagógica significa indagar sobre suas características: o que sabemos da estrutura pedagógica? Quais os problemas que afetam o processo ensino-aprendizagem? Qual é o índice de evasão e repetência, por componente curricular? Quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos? Quais são as alternativas para a melhoria da qualidade da escola?

O currículo é um importante elemento constitutivo do projeto Político Pedagógico. Há necessidade de se promover, na escola, uma reflexão aprofundada sobre o processo de produção do conhecimento escolar. Para tanto é preciso considerar alguns pontos básicos. O primeiro é o de que o currículo não é um instrumento neutro. Ele passa ideologia. O segundo é o de que o currículo não pode estar separado do contexto social. O terceiro diz respeito à reflexão quanto ao tipo de organização curricular que a escola deve adotar a fim de evitar a fragmentação e o isolamento entre as diversas disciplinas.

A organização do tempo escolar é marcada pelo calendário e horário escolar. Ela é marcada, portanto, pela segmentação do dia letivo. A escola precisa refletir sobre seu tempo, questionando qual é o tempo para que o professor aprofunde conhecimento sobre seus alunos e sobre o que estão aprendendo? Qual é o tempo para acom-

panhar e avaliar o projeto Político Pedagógico? E qual é o tempo para que os alunos se organizem e criem seus espaços para além de sala de aula?

O processo de decisão é orientado por procedimentos formalizados. O que a escola tem realizado para reduzir as relações hierárquicas? Quais são os mecanismos utilizados pela escola a fim de estimular a participação de todos no processo de decisão? Como tem se processado a eleição de dirigentes? Existe na escola instâncias colegiadas como: Conselho Escolar, Conselho de Classe, Associação de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis? Como eles funcionam? Como se articulam?

É importante reiterar que, quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola, deverão ser calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva. Vale indagar: quais os princípios que regem as relações de trabalho? São os princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle burocrático? Ou outros?

Diagnosticar, acompanhar as atividades e avaliá-los levam-nos à reflexão, com base em dados concretos sobre como a escola organiza-se para conceber e colocar em ação o seu projeto Político Pedagógico. A avaliação diagnóstica é parte integrante do processo de construção e execução do projeto e compreendida como responsabilidade coletiva.

A reorganização da escola deve ser buscada de dentro para fora. O fulcro para a realização dessa tarefa será o empenho coletivo na construção e execução de um projeto Político Pedagógico e isso implica fazer rupturas com o existente para avançar. ■

*Professora da Universidade de Brasília e da Universidade Federal de Uberlândia

Vem aí a Bienal do Rio

Inscrição para visitação escolar já pode ser feita pelo site oficial do evento

Mais de mil expositores, em uma área de 55 mil metros quadrados e uma expectativa de público de 560 mil pessoas. Esses são os números iniciais da edição 2003 de um dos maiores eventos ligados à literatura do país, a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, que acontecerá entre os dias 15 e 25 de maio, no Riocentro.

Para alguns, uma enorme livraria. Para muitos, um dos principais eventos do calendário cultural da cidade, como aponta Simone Monteiro, diretora da Divisão de Mídia e Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME): "a Bienal é uma atividade fundamental para a formação do leitor. Para lá convergem as mais diversas formas que hoje existem de se registrar a palavra escrita. Deve ser encarada por professores e alunos como um espaço de inserção na vida cultural carioca".

É uma oportunidade, segundo Arthur Repsold, presidente da Fagga Eventos, empresa que organiza o evento, de conhecer de perto a diversidade da produção literária brasileira, seus autores, ilustradores e pensadores. "O que acaba por fazer da 'feira' muito mais um espaço de promoção do hábito de leitura do que, propriamente, um local de comércio", completa.

Por conta disso, ir à Bienal exige planejamento cuidadoso,

que deve levar em conta desde o tamanho do espaço até a programação propriamente dita. Nesse sentido é bom prestar atenção para a programação das conversas com escritores, ilustradores, cartunistas no Café Literário, que este ano reunirá escritores de uma mesma família em bate-papo sobre a vida familiar e profissional; das palestras do Fórum de Debates, cujos temas vão girar em torno de violência urbana, raça, escravidão, amor e sexo, viver em favelas, educação de filhos. Outra dica é ficar atento às homenagens a grandes autores já mortos e que tenham o ano de 2003 como data significativa (centenário, cinquentenário...).

Mas, se a intenção é apenas passar pelos estandes, a variedade de publicações é, por si só, um atrativo. Para comprar, sem dúvida. Mas também para educar o olhar. Manusear os livros e observar os diferentes tipos de produção, suas capas - as ilustrações são uma boa maneira de começar a pensar sobre o que é qualidade em publicações. "O caminho da escolha de um bom livro começa pelo caminho da reflexão, do estudo e, também, da análise de alguns aspectos técnicos", explica Elizabeth Serra, Secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Visitar a Bienal é, sem dúvida, uma forma de despertar o interesse pelo objeto livro. Por isso mesmo, segundo Simone Monteiro, alunos que ainda não têm o domínio da leitura e da escrita talvez sejam os que mais precisem conquistar este espaço. Opinião compartilhada por Elizabeth Serra, que defende até mesmo presença das crianças muito pequenas na 'feira'. "Há livros de imagens maravilhosos, que devem ser postos em contato com essas crianças desde muito cedo".

Dessa forma, os interessados em levar seus alunos devem prestar atenção nos dias definidos para visitação escolar: 16, 19, 20, 21, 22 e 23 de maio. Só poderão ser inscritas turmas de crianças entre 7 e 14 anos. Para fazer a inscrição, o professor deve acessar o site www.bienaldolivro e clicar no item visitação escolar. Lá ele encontrará as indicações de como se inscrever.

No site oficial da Bienal ainda há informações sobre a programação da feira, a planta dos estandes, como che-

gar no Riocentro, os dias e horários da visita. Um mês antes da inauguração do evento, as escolas inscritas receberão o *kit* visitação, contendo um cartaz, a programação oficial e as atividades dos expositores. Quando chegar ao Riocentro, o professor responsável pela turma deve adquirir a Nota Bienal, um vale no valor de R\$ 3 para as crianças comprarem livros. Apenas alguns estandes terão estes livros disponíveis. Essa lista constará do *kit* visitação e do site. ■

Não se esqueça

- De estudar a planta de organização dos estandes com seus alunos antes de ir ao evento, já que é praticamente impossível ver tudo em uma tarde
- De visitar o estande do país homenageado, a Itália, que vai exibir a cultura e a literatura do país
- De conferir os títulos recomendados pela FNLIJ ou já premiados antes de fazer a lista de livros a serem adquiridos para sua escola
- De verificar que livros a Secretaria Municipal de Educação já enviou para sua escola
- De passar um tempo com os alunos na biblioteca da FNLIJ. São 100 metros quadrados recheados de livros cuidadosamente selecionados pela equipe da Fundação
- De verificar a programação paralela ao planejar sua visita



Monopólio carioca no cinema nacional

Riofilme viabiliza produções brasileiras e investe na formação de platéia

Que o Rio de Janeiro é uma cidade cinematográfica por suas paisagens e belezas naturais todos concordam. É um fato inquestionável. Mas o que pouca gente sabe é que a cidade também pode receber este título por produzir, finalizar e distribuir boa parte do cinema nacional. A Riofilme, empresa distribuidora de filmes da Prefeitura do Rio de Janeiro, criada em 1992, é hoje responsável praticamente por 90% do mercado cinematográfico brasileiro.

Mercado que cresce a cada ano e no que depender da empresa - a única do gênero no país - crescerá ainda mais. Pois, ao mesmo tempo em que viabiliza produções, a Riofilme vem apostando na formação de novas platéias. Desde a sua criação, ela desenvolve o projeto A Escola Vai ao Cinema, que leva crianças e jovens das escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro às salas de projeção com o objetivo de formar uma platéia mais participativa e crítica.

As exibições constam apenas de filmes brasileiros. A idéia é habituar os alunos a assistirem ao cinema nacional, fazendo com que eles questionem o processo sociocultural em que estão inseridos e descubram a multiplicidade dos muitos brasis que existem.

O projeto - fruto de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Secretaria Municipal das Culturas (SMC) - conta com o apoio de uma equipe pedagógica que vai até as escolas antes da exibição

do filme, como explica o diretor comercial da Riofilme, Luiz Fernando Noel: "Não exibimos apenas os filmes, procuramos debater seu conteúdo e sua mensagem. Por trás deste programa, há uma equipe pedagógica que trabalha neste sentido, orientando, previamente, o professor e tirando as dúvidas da garotada. Somos pioneiros neste projeto de levar crianças e jovens ao cinema. O programa dá resultado. Tanto é verdade que hoje outras instituições mantêm programas similares".

No dia da projeção, os estudantes recebem uma cartilha que conta a história do cinema mundial, explica os significados dos termos técnicos utilizados em uma gravação e ensina a garotada a bolar suas próprias histórias cinematográficas. "Traz ainda informações técnicas da sétima arte e como é produzido um filme, do roteiro à projeção (veja quadro ao lado)", completa Luiz Fernando Noel.

Após a exibição do filme, uma equipe de educadores ligada à Riofilme volta às escolas para promover uma dinâmica entre os alunos a partir da temática do longa assistido. Os jovens são convidados a criar, a partir do que viram e ouviram, desenhos, textos, jogos, dramatizações e expressões corporais.

Todo início de ano, a Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Riofilme seleciona um número determinado de filmes do catálogo da empresa que fará parte do projeto do ano corrente. As escolas são inscritas pela SME, que repassa a relação para a Riofilme. Os longas são exibidos em salas próximas às escolas. Tudo é gratuito. Geralmente, há duas exibições por semana. No ano passado, 151 escolas participaram do projeto, beneficiando cerca de 9.500 alunos. O programa conta com o apoio do Cinema e Educação (Cineduc). ■

Glossário

Roteiro - a história escrita na língua do cinema, com todos os seus termos técnicos.

Plano - imagem composta de vários fotogramas (instantâneos) que duram certo tempo na tela.

Montagem/edição - ordenação definitiva da história.

Claquete - espécie de quadro negro onde está escrito o número do plano e a tomada e quantas vezes o plano é repetido, contendo ainda o nome do filme, diretor e diretor de fotografia.

Mixagem - junção de todos os sons, música, ruídos e diálogos em uma única película.

Sonorização - junção de som e ruídos.

Fonte: Monteiro, Marielva. *A escola vai ao cinema*. Riofilme. Rio de Janeiro.



Riofilme

Praça Floriano, 19, 14º andar, Centro - Rio de Janeiro

Tel.: (21) 2220-7090

www.rio.rj.gov.br/riofilme

Da idéia à sala de projeção

Um filme é feito em várias etapas. A primeira etapa é o roteiro - história escrita na língua do cinema, com todos os seus termos técnicos - e nele devem estar indicados todos os planos, pontos de vista, enquadramentos, isto é: plano geral, plano médio, primeiro plano, etc., movimentos de câmera, diálogos, ruídos, elementos do cenário e figurinos.

Depois de tudo filmado, ainda há muito trabalho para fazer. Começa a fase da montagem/edição. A montagem/edição dá o ritmo do filme. Depois da filmagem, onde as cenas são repetidas várias vezes, o filme é revelado. O montador/editor seleciona os planos melhores e faz a montagem.

Antes de filmar cada plano, usa-se a claquete, e, baseando-se nas numerações da claquete, é que o montador/editor organiza a montagem/edição. Som e imagens são registrados em películas e/ou fitas separadas. O técnico de som faz a sonorização e depois faz a mixagem.



Para sua atualização

Inclusão da população afro-descendente, sexualidade e a história da evolução dos brinquedos são os destaques deste número.

Site

Consciência Negra e Inclusão



Sinopse

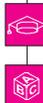
Este site promove um amplo debate sobre afro-descendência e inclusão. Entre os temas abordados estão a reavaliação de conceitos e preconceitos; as causas e os números da desigualdade. Ilustrando as discussões, experiências realizadas em escolas da Rede. O site também faz referência ao feriado de Zumbi.

Na Escola

O debate mais acirrado trata dos números da desigualdade. A população afro-descendente ainda sofre, no Brasil e em várias partes do mundo, dos efeitos de um passado escravocrata, do preconceito e da histórica falta de políticas de inclusão e desenvolvimento que atendam as suas necessidades como cidadãos. Dessa forma, este tema pode ser abordado levando-se em conta questões éticas, culturais e econômicas. Proponha uma pesquisa, realizada em grupo ou em duplas, que investigue o maior número de questões relacionadas à desigualdade das populações afro-descendentes. Um ponto de partida pode ser o debate sobre a polémica experiência com o sistema de cotas para negros e pardos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). A lei das cotas foi aprovada em 2001 pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). O autor do projeto é o deputado José Amorim, que afirma: "O acesso ao ensino de qualidade é crucial para possibilitar a ascensão econômica e profissional". Elabore com seus alunos uma pesquisa, consultando matérias de jornais, revistas e realizando entrevistas com personalidades que estejam envolvidas nesta discussão. Será interessante que todos, após analisar os dados coletados, se posicionem a respeito do assunto e sustentem sua posição com os dados da pesquisa. A revista *Nós da Escola* traz, em dois de seus números, uma reportagem sobre o sistema de cotas (nº 5) e sobre a questão da inclusão da população afro-descendente (nº 10). Ainda na revista 10, uma entrevista com o historiador Eduardo Silva destaca a importância da luta do movimento negro pela inclusão.

Área de Conhecimento
História

Ficha Técnica
Tipo de produção: Jornalística
País: Brasil
Produção: MULTIRIO



TV

O Menino do Vestido Rosa



Reprodução

Sinopse

O filme mostra como um menino, na pré-adolescência, acorda um dia transformado em menina, usando um vestido rosa para ir à escola. Nesta experiência ele vive situações confusas e inusitadas, que levam o espectador a refletir sobre identidade e gênero. Este programa ganhou os prêmios RTS de melhor programa para crianças de 7 a 9 anos e Broadcast de melhor programa infantil. Ambos, na Inglaterra.

Na Escola

O filme aborda questões ligadas a valores construídos socialmente, como papéis e funções sexuais, suas diferenças e igualdades dentro de um determinado grupo social. A sexualidade masculina e feminina é construída ao longo do desenvolvimento infantil. Muitos estudiosos da psicanálise pesquisaram e deram grandes contribuições para compreensão da expressão da sexualidade infantil. O filme pode ser analisado pelos professores da sua escola e ser ponto de partida para um grupo de estudo sobre a importância da participação da escola e da família na constituição da sexualidade infantil. Questões como igualdade de direitos entre homens e mulheres, estereótipos de comportamentos masculinos e femininos, preconceitos, diferença de gênero e suas especificidades podem servir de gancho para discussão. A leitura de alguns livros, antes de assistir ao filme, pode facilitar e ampliar a discussão do grupo de estudos (ver sugestões abaixo). Uma outra proposta é avaliar o impacto do filme entre os alunos.

A fita pode ser vista e debatida separadamente por alunos do sexo feminino e masculino. É interessante que cada grupo proponha temas para o debate em plenárias. Se o vídeo for visto pela turma toda, é importante que o professor - qualquer um do grupo de estudo que se sinta à vontade para falar do tema - seja o mediador da discussão. Outra dica importante: a atividade deve ser realizada com os alunos, respeitando as diferenças de faixa etária. Não é interessante sugerir no debate questões que os próprios alunos ainda não tenham interesse.

Sugestões de leitura

★ Ariès, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1973.

Área de Conhecimento
Cultura

Ficha Técnica
Tipo de produção: Ficção
País: Inglaterra
Produção: Tetra Films for Channel 4 Schools



TV

Rio, a Cidade! Especial Dia da Criança



Reprodução

Sinopse

Rio, a Cidade! é um programa informativo que trata, com reportagens e serviços, de temas de interesse do cidadão carioca. O público pode participar das discussões enviando perguntas por telefone, fax ou e-mail. O programa especial do Dia da Criança abordou, entre outros assuntos, a história da evolução dos brinquedos e como uma alimentação saudável pode ser apreciada por crianças. Entre os convidados João Alegria, diretor do programa "Abrindo o Verbo", da MULTIRIO, e autor do livro "Come, come, pais e filhos na cozinha"; a atriz Karen Acioly; e o arte-educador Zé Zuca.

Na Escola

O Rio, a Cidade! - Especial Dia da Criança é uma boa oportunidade para você, professor, descobrir como despertar o interesse de seus alunos para atividades físicas e de expressão corporal, culturais em geral e ligadas à culinária. Não esqueça que cada uma destas propostas pode ser planejada a partir de projetos integrados de trabalhos com mais de uma disciplina do currículo. Esta é uma boa chance de você se atualizar e perceber que com criatividade, bom humor e brincadeira você pode criar canais de comunicação com seus alunos. Outra boa opção é estimular a participação das famílias, propondo atividades ligadas à alimentação e à saúde do corpo.

Área de Conhecimento

Atualização

Ficha Técnica

Tipo de produção:
Jornalístico

País: Brasil

Produção: MULTIRIO

Programação MULTIRIO

Canal 3 da Net

Diariamente, das 7h30 às 11h30

BandRio

De segunda a sexta-feira, das 7h às 8h e das 14h às 15h

Sábado e domingo, das 10h às 11h

Estas propostas são feitas a título de sugestão. Não é nossa intenção passar receitas ao professor. Consideramos que todos os vídeos podem ser usados por todos os segmentos, em parte ou totalmente. Quem deve fazer esta opção é você, professor!



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

A imagem da educação

O cotidiano de alunos e professores pelas lentes de Alberto Jacob Filho

Até o início do século XIX, as únicas formas de registrar e perpetuar cenas do cotidiano eram a pintura e o desenho. Com a invenção da fotografia, o ser humano nunca mais foi o mesmo. O ato de fotografar permitiu que ele construísse e reconstruísse sua história, revelando emoções e hábitos com agilidade impressionante.

A fotografia é muito mais do que uma arte e pode tornar-se uma aliada de alunos e professores na rotina escolar. É o que afirma o fotógrafo da MULTIRIO, Alberto Jacob Filho, responsável pelo trabalho fotográfico de todas as produções da casa. Com 23 anos de carreira, é a primeira vez que Jacob está trabalhando com jornalismo educativo. Um jornalismo que, segundo ele, requer mais cuidado e compromisso. "Quando fazemos um jornal ou

uma revista semanal nos preocupamos muito com a qualidade, mas o produto é descartável. Em um jornalismo educativo, o produto é eterno, é fonte de pesquisa, de formação e informação. Portanto, requer mais responsabilidade".

Responsabilidade que se traduz em fotos que procuram expressar cenas do cotidiano das escolas e temas pertinentes ao trabalho do professor. Trabalho gratificante, mas que requer, além do compromisso do fotógrafo, sensibilidade e paciência. "O tempo do jornalismo é um. Da educação é outro. Algumas pessoas pensam que basta dar um clique e pronto. Não é assim. Por meio da foto, precisamos deixar clara a nossa mensagem, deixar claro o conteúdo da matéria, do objetivo que se quer passar. Afinal, a imagem vale por mil palavras. É preciso então estabelecer uma relação de identidade e de respeito para que o trabalho dê resultado".

De acordo com Jacob, um dos trabalhos fotográficos mais gratificantes já produzidos para a **Nós da Escola** foi o que acompanhou a publicação da matéria Mudança de hábito (Revista nº 5, páginas 21 a 23): "Era uma reportagem sobre o currículo do Jardim de Infância Ana de Barros Câmara, que atende alunos portadores de necessidades especiais. As fotos tinham que retratar o assunto de forma

original sem ser piegas. As fotos ficaram claras, objetivas e carregadas de informação e emoção. Gastei quatro rolos de filme, acompanhando cada processo".

Processo que vem sensibilizando o fotógrafo e fazendo com que ele reveja seu próprio trabalho: "Depois que comecei a trabalhar nesta área, comecei a perceber melhor a importância da relação professor e aluno, das metodologias, do diálogo. E nestas entrevistas pude encontrar vários professores que gostaria que tivessem sido meus. Professores responsáveis, professores preocupados, professores amigos" - destaca Jacob, que além de fotógrafo é presidente, desde 1991, da Associação Profissional dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Rio de Janeiro. ■



Como montar um laboratório fotográfico na sua escola

Segundo o fotógrafo Alberto Jacob Filho, incentivar a produção fotográfica entre os alunos, além de ser lúdico, é uma excelente forma de trabalhar a criatividade, a auto-estima e uma linguagem universal. "Manter um laboratório fotográfico na escola é bem mais simples do que parece", avisa. Para isso, basta ter algum dinheiro disponível para comprar equipamentos e um espaço para acomodá-los. Fazer um curso de fotografia é essencial. Depois, é só deixar a imaginação por conta da garotada.

Local - Uma sala é o ideal. Na falta dela, um pequeno espaço já é suficiente para abrigar os equipamentos. O mais importante é que o ambiente deve ser totalmente vedado para que não entre luz. Para isso, você pode cobrir as janelas com papéis e tecidos escuros ou até mesmo pintar o espaço com tinta preta. É necessário também se preocupar com a ventilação. O uso de ventilador, ar-condicionado ou exaustor é indicado, pois a utilização dos produtos químicos desprende certa quantidade de gases tóxicos.

Equipamentos - Duas bancadas, um ampliador, tanque para a revelação dos filmes, termômetro de precisão, bandejas, pregadores, papéis fotográficos, bacias e os produtos químicos: revelador, interruptor e fixador. É preciso também ter pinças e um **timer** (despertador).

Descompassos na formação da criança

A vulnerabilidade na infância e na adolescência é uma questão de educação, saúde e direitos humanos

A infância e a adolescência representam fases de fundamental importância na vida do ser humano. Há determinadas conquistas e experiências que acontecem num dado momento de nossa infância ou de nossa adolescência. É uma questão de tempo. Tempo de mamar no peito da mãe, de aprender a andar, de aprender a falar, de aprender a ler. Mais tarde, tempo de fazer pesquisas na biblioteca, de formar grupo de amigos, de paquerar, de passar num concurso...

Mas para que façamos essas conquistas, precisamos ter alguém em casa (pai, mãe, tia ou avó, etc.) que nos dê um mínimo de referencial de vida, garantindo assim nossa estrutura emocional. A escola será nossa parceira nessa jornada, nos dando toda a formação e informação necessárias.

Diante das adversidades enfrentadas hoje nas grandes cidades, onde a violência impera, os valores se perdem, as famílias se desagregam, as dificuldades financeiras e o medo se instalam na vida das pessoas, a situação de vulnerabilidade em que normalmente já se encontram crianças e adolescentes torna-se muito maior.

Quando a criança vai para a escola, hoje, não carrega mais consigo aqueles referenciais que antes eram conquistados ainda no seio familiar. Os pais, por motivos diversos, muitas vezes não conseguem sequer apresentar o mundo a seus filhos.

Se os educadores não incluírem em seu planejamento estratégias que possibilitem aos alunos que se situem no tempo e no espaço, muitos se perderão no caminho, apresentando inúmeras dificuldades. Ainda que planejemos, devemos entender que a situação hoje apresenta-se muito mais complexa e será um grande desafio para a Educação reverter este quadro.

É preciso, contudo, acreditarmos na possibilidade da mudança, como nos alertava Paulo Freire. Tem sido comum, por exemplo, que alunos cheguem aos nove anos, na fase final do ciclo, sem estarem, sequer, alfabetizados. Nenhum problema de ordem neurológica é constatado. A mãe volta com um laudo onde um médico afirma que a criança é normal. Os professores não se conformam. Como pode ser normal? Acabam muitas vezes rotulando a criança com pseudodoenças. Não falta saúde, num sentido restrito da palavra. Contudo, falta saúde se compreendermos saúde, em seu sentido mais amplo, de acordo com as deliberações da VIII Conferência Nacional da Saúde (1986): alimentação, moradia, meio ambiente, saneamento básico, trabalho, renda, educação, transporte, lazer, viver em condições de esta-

bilidade emocional, ter acesso aos bens e serviços essenciais e de direito do cidadão.

A maioria dos alunos a que nos referimos chega às escolas sem condições mínimas de higiene, vivem nas áreas de risco da cidade, convivendo com a violência doméstica, muitos vivendo situações de traumas psíquicos graves.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos diz em seu artigo XXV: "Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro e fora de matrimônio, gozarão da mesma proteção social".

No Capítulo I, artigo 7, do Estatuto da Criança e do Adolescente está escrito: "A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência". Ainda no Capítulo I do Estatuto, artigo 11: "É as-

segurado atendimento médico à criança e ao adolescente, através do Sistema Único de Saúde, garantido o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde".

Sabemos contudo que, em nosso país, um tempo enorme transcorre entre a aprovação de uma lei e o momento em que ela passa a fazer parte do dia-a-dia dos cidadãos. Nos últimos tempos, a escola tem sido uma espécie de termômetro da situação vivida por crianças e adolescentes de uma forma geral. Alunos e responsáveis, muitas vezes, consideram os professores e a direção das escolas como confidentes. Desabafam, falam sobre situações que ocorrem nas comunidades sobre as quais normalmente não poderiam estar falando.

Humilhações, torturas, abusos de toda ordem. Portanto, na escola, parecem experimentar uma situação breve de alívio, de pelo menos estarem sendo ouvidos. É frequente que crianças ou responsáveis peçam ajuda. Mas os professores quase sempre se vêem impotentes, diante da complexidade das situações apresentadas. Muitas situações se constituem claramente em violação dos direitos humanos como crianças vivendo sozinhas, sem a tutela de um adulto, situações de tortura de crianças e adultos, exploração

do trabalho infantil, violência doméstica, exploração sexual de menores, entre outras.

Quem trabalha em escola sabe que é comum vermos bebês que andam no colo de seus irmãos ainda pequenos como se fossem bonecos. Não raro são espancados pelos pais ou pelos irmãos, irritados com tantas responsabilidades que lhes são impostas desde cedo. Na década de 70, a chamada síndrome do bebê espancado foi reconhecida como um problema grave, primeiro nos EUA, depois no Canadá (Minayo, 1999). Se desde cedo, em vez de carinho, cuidados especiais, tempo de brincar, as crianças têm sofrido todo tipo de problemas, como poderão progredir na escola sem dificuldades?

Visto que a situação da criança e do adolescente se agrava cada vez mais e constatando-se que o número de alunos num perfil de dificuldades vem aumentando ano a ano, é importante acompanharmos a situação em forma de pesquisa, partindo da análise de entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis, professores e especialistas, no intuito de encontrarmos pistas que nos mostrem qual são os caminhos possíveis para a escola seguir, possibilitando que seja parceira dos alunos em sua formação, na construção de sua identidade, em sua leitura de mundo, na conquista de sua cidadania. ■

Marta Sorvi dos Santos

- Graduada em História pela UFF, mestre em Educação pela UFRJ.
- Membro do Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Saúde (NEDH) do Centro de Saúde Escola Germano Sinal Faria/ENSP FIOCRUZ.
- Coordenadora pedagógica da Escola Municipal Conde de Agrolongo, Penha, Zona Norte.



Se você quiser colaborar nesta nova seção nos envie seu artigo por e-mail (ldpub_multirio@pccr.fj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões 15, 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

FILMES

Um grande garoto

Will Freeman (Hugh Grant) é um homem na faixa dos trinta anos metido a galã que inventa ter um filho apenas para poder ir às reuniões de pais solteiros, onde tem a oportunidade de conhecer mães também solteiras. Will sempre segue a mesma tática: vive com elas um rápido romance e quando elas começam a falar em compromisso ele acaba o namoro. Até que, em um de seus relacionamentos, Will conhece o jovem Marcus (Nicholas Hoult), um garoto de 12 anos que é completamente o seu oposto e tem muitos problemas em casa e na escola. Com o tempo Will e Marcus se envolvem cada vez mais, aprendendo que um pode ensinar muito ao outro.

(Direção: Chris Weitz, Paul Weitz/Duração: 105min)

TV-VÍDEOS

Multieducação

Série de TV da MULTIRIO que possui vários programas cujo tema central é o Projeto Político Pedagógico. Em cada um deles, há especialistas e profissionais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro debatendo o tema.

Programa 05 - Projeto pedagógico, planejamento, desenvolvimento e avaliação

Programa 29 - Cada escola é uma escola

Programa 37 - Planejar é preciso?

Programa 52 - Gestão de Educação: o papel da comunidade na vida escolar

Programa 69 - Projeto Pedagógico: participação coletiva

Programa 131 - Projeto Político Pedagógico: uma construção possível

Programa 151 - O Projeto Político Pedagógico na gestão escolar - autonomia

Programa 155 - Projeto Político Pedagógico

LIVROS

Para a garotada

Eu chovo, tu choves, ele chove

Sylvia Orthof
Editora Objetiva
(2003)

Um clássico da dramaturgia infantil que pode ser montado em casa, na sala de aula e onde mais a imaginação mandar. Basta seguir as lições desta grande autora: simplicidade e criatividade. Quer ver? Com um guarda-chuva, algumas toucas de banho, pedaços de plástico azul e baldinhos de conchas se constrói o mundo mágico de Sylvia Orthof. "Eu chovo, tu choves, ele chove" - uma de suas peças mais premiadas - é um exemplo de como é fácil fazer chover boas ideias.



Para sua atualização

Por que estudar a Mídia?

Roger Silverstone
Editora Loyola (2002)

Vivemos em um mundo intensamente midiático. Apesar disso os estudos acadêmicos sobre mídia raramente se tornam acessíveis e relevantes para o público em geral. Este livro busca definir a importância da mídia para nossa cultura, para nossa sociedade, e a consequente necessidade de levar a mídia a sério, como objeto de rigorosa investigação.



REGULAMENTO

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação (SME) e a Empresa Municipal de Multimeios (MULTIRIO), por meio do Departamento Geral de Educação (E/DGED), do projeto Sécúlo XXI, da Assessoria de Integração, do programa e da revista *Nós da Escola*, propõem aos professores de 5ª a 8ª série e do PEJA, da Rede Municipal de Educação Pública a realização da 1ª Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais. O objetivo é estimular e divulgar a realização de projetos que incorporem mídia no processo educativo de adolescentes e jovens, gerando produtos de uso comunitário, ou seja, produtos de mídia, criados com a participação ativa dos alunos, que sejam utilizados como recursos que ajudem a mobilizar a comunidade (escolar e/ou bairro e/ou sociedade em geral). A 1ª Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais também busca estimular a criação de projetos que tenham algumas das seguintes características: a perspectiva interdisciplinar; a valorização da cultura e do cotidiano dos alunos, o envolvimento, de maneira participativa, do conjunto da escola e da comunidade e a discussão sobre a realidade local na qual se insere a escola.

I - DOS PARTICIPANTES

Poderão participar da Mostra os professores envolvidos com o segundo segmento (5ª a 8ª série) ou com PEJA, individualmente ou em grupo, em uma ou várias turmas. Recomenda-se, sempre que possível, o envolvimento nos projetos de professores que tenham experiência no uso de mídia.

II - DOS TEMAS

Os projetos deverão ser desenvolvidos a partir dos temas principais das CHAVES do site Sécúlo XXI: "Violência Urbana e Juventude", "Funk e Rap", "O Novo Mundo do Trabalho", "Guerra" e "Água", em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola. O site do Projeto Sécúlo XXI (www.multirio.rj.gov.br/seculo21) poderá ser utilizado como instrumento de apoio aos professores na criação, execução e avaliação de seus projetos, na medida em que possua material conceitual, de atualidade e pedagógico relativo aos temas. O programa e a revista *Nós da Escola* poderão ser utilizados como meios de divulgação e debate dos projetos em desenvolvimento pelos professores.

III - DAS INSCRIÇÕES

A 1ª Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais aceitará inscrições de projetos que incorporem o uso de pelo menos uma das mídias a seguir: jornal, revista, livro, vídeo, rádio, TV, cinema, computador e Internet. O projeto poderá incorporar mais de um tipo de mídia, conforme a conveniência do(s) proponente(s).

IV - DOS PRAZOS

1 - Prazo de inscrição: o prazo de inscrição será de 3 de abril a 30 de setembro de 2003, em formulário próprio que poderá ser encontrado no site www.multirio.rj.gov.br/seculo21 e nas Divisões de Educação (DED) das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE).

2 - Prazo de entrega do projeto: após a realização do projeto na escola, deverá ser preparado um relatório para entrega até o dia 31 de outubro de 2003.

3 - Prazo para avaliação e seleção dos projetos: novembro de 2003.

4 - Prazo para a Mostra de projetos selecionados e de produtos de mídia realizados com adolescentes e jovens: final de novembro de 2003.

V - DAS ESPECIFICAÇÕES DOS PROJETOS

O texto com o relatório do projeto deverá ser datilografado ou digitado, em espaço duplo e em quatro vias, tamanho A4 ou ofício, fonte Times New

mostra sécúlo XXI de projetos educacionais

Roman, corpo 12, espaçamento de 1,5 em páginas numeradas contendo as seguintes especificações:

- Identificação do projeto/autor (folha de rosto)
- Nome do Projeto; Autor(es); Função/disciplina; Tel./e-mail; CRE/Escola;
- Descrição do projeto e realização
- Objetivo; Público-alvo; Justificativa; Recursos que foram utilizados para viabilizar o projeto; Descrição detalhada do processo de trabalho e do uso comunitário do produto; Resultados obtidos; Registro do processo em suas diversas etapas e do uso comunitário do produto final (fotos e/ou vídeos e/ou impressos etc).

Atendidas às especificações acima, o texto do projeto deverá ser enviado ao Departamento Geral de Educação (DGED) da Secretaria Municipal de Educação (SME), na Rua Afonso Cavalcanti, 455, bloco 1, sala 412 - CASS. No envelope do projeto deverão constar a identificação "Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais" e o nome do projeto.

VI - DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

A comissão de seleção será formada por educadores e profissionais da área de mídia que trabalhem com educação.

VII - DOS CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

- Os projetos serão avaliados obedecendo aos seguintes critérios:
- Potencial pedagógico do processo de trabalho e do produto final.
 - Criatividade na utilização de mídia na educação.
 - Capacidade de mobilização social do projeto.
 - Adequação aos temas.

VIII - DOS SELECIONADOS E DA MOSTRA

A comissão de seleção da 1ª Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais selecionará os 5 (cinco) melhores projetos, que serão contemplados com os seguintes destaques:

- exposição do projeto em mesa-redonda durante a Mostra, em novembro de 2003, e participação na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, em abril de 2004;
- divulgação do projeto no programa de TV e na revista *Nós da Escola* e publicação no site Sécúlo XXI, após a realização da Mostra.

A Mostra será um evento de apresentação e discussão dos projetos selecionados e contará, também, com um espaço aberto para que todos os projetos inscritos exponham seus produtos de mídia.

IX - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- As decisões da Comissão de Seleção serão definitivas e irrecorríveis.
- Os originais não classificados, após a divulgação do resultado, ficarão à disposição dos seus autores pelo prazo de 30 dias.
- Ao inscrever-se, o professor deverá declarar estar de acordo com todos os itens deste regulamento.
- Os projetos participantes terão explícita a autoria e seus autores deverão permitir que a SME/MULTIRIO os divulgue em quaisquer meios.
- Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora da 1ª Mostra Sécúlo XXI de Projetos Educacionais.

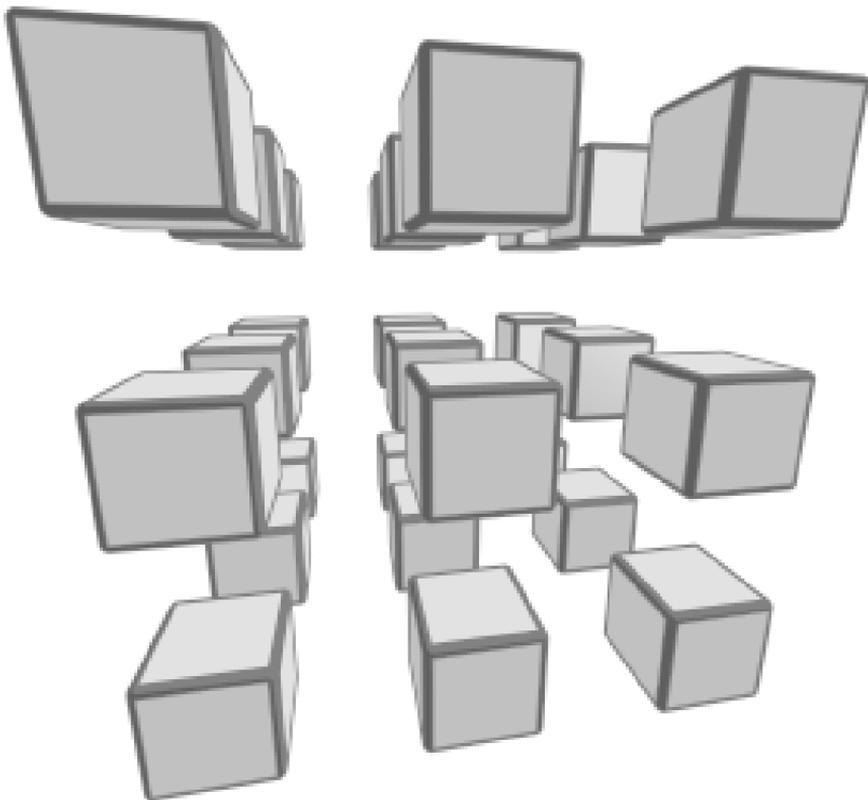
AGENDA

HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

Estão abertas as inscrições para o IV Encontro Estadual de Ensino de História e Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF). O tema do encontro é "Educação - Esperança: reconstruindo o Brasil", que acontecerá de 22 a 24 de abril. O evento será promovido pelo Laboratório do Ensino de História, da Faculdade de Educação da UFF, auditório Florestan Fernandes, Campus do Gragoatá, s/n, Bloco D - Gragoatá, Niterói, Rio de Janeiro. Informações no site www.interagj.uff.br.

EDUCAR

De 14 a 17 de maio, será realizada a Educar - Feira Internacional de Educação, a maior e tradicional feira de educação da América Latina. O tema deste ano será "Idealismo Empreendedor - Excelência nas Instituições de Ensino". O evento contará com a participação de convidados internacionais, como Pierre Levy, Steen Larsen e Michel Deleay. A feira também deverá reunir aproximadamente 480 expositores, entre empresas fornecedoras de produtos e serviços para instituições de ensino, do g1z ao software acadêmico. Informações pelo telefone (13) 3289-6001 ou em <http://www.promofair.com.br/Educar/>



NÓS DA ESCOLA

No próximo número: currículo integrado

11(0)



central de atendimento: (21) 2528-8282 | ouvidoriainformacao@pcrj.rj.gov.br